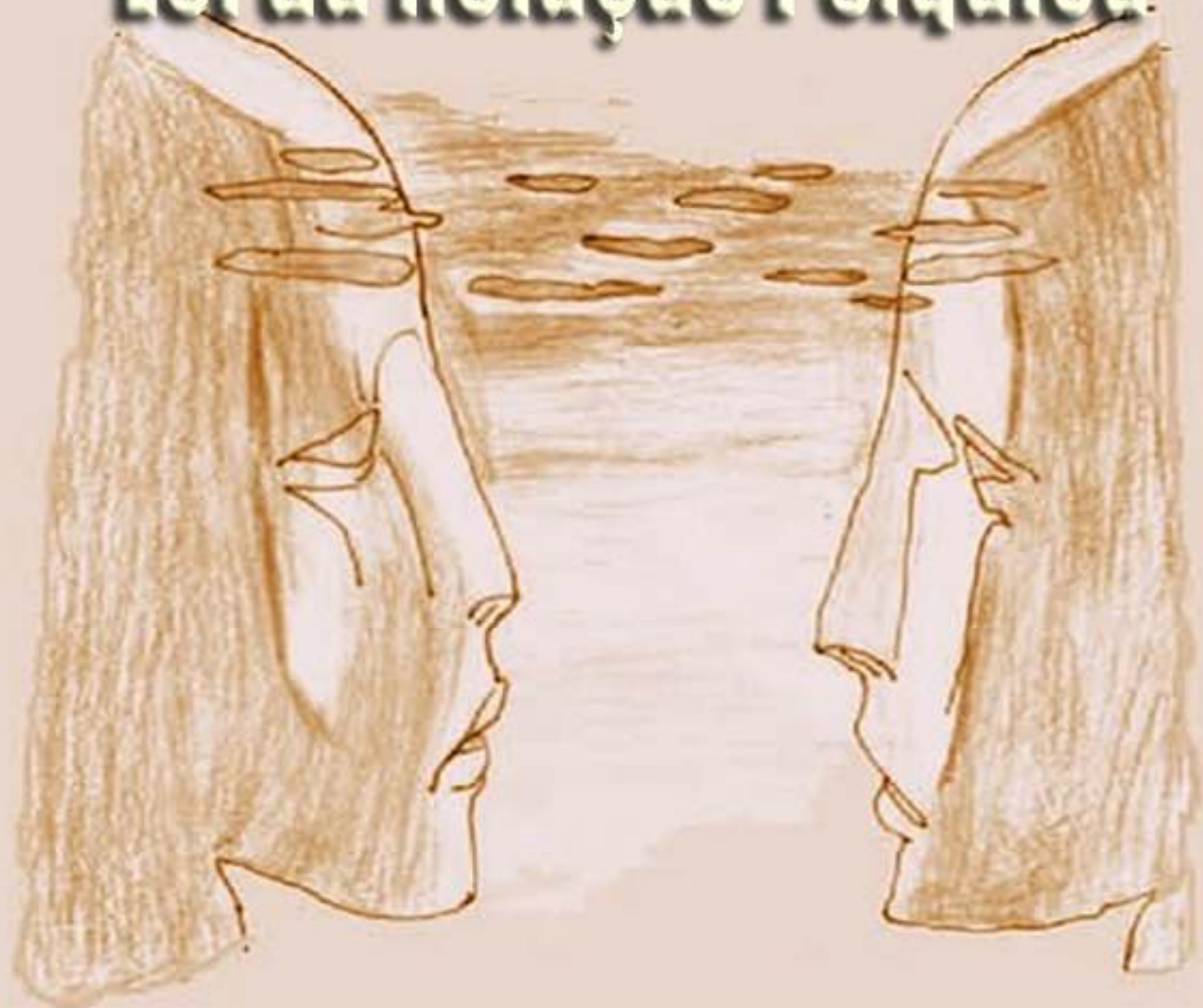


Telepatia, Telemnesia e a Lei da Relação Psíquica



Ernesto Bozzano

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

Ernesto Bozzano

Telepatia, telemnesia e a lei da relação psíquica

Título do original italiano

Ernesto Bozzano - Telepatia, Telemnesia e la legge del rapporto psichico

Tipografia Dante, Città della Pieve, 1928



Cornelis Barend - O Pintor Paisagista



Conteúdo resumido

A monografia de Ernesto Bozzano apresenta um estudo da *telepatia* e da *telemnesia*, em confronto com a lei de “relação psíquica” relacionada a esses dois fenômenos.

Sumário

- » Homenagem a Ernesto Bozzano (1862 - 1943)..... 2
- » Ao Leitor 4
- » Telepatia, Telemnesia e a Lei da “Relação Psíquica” 6

Homenagem a Ernesto Bozzano

(1862 - 1943)

Sob o ponto de vista científico, a contribuição de Ernesto Bozzano ao Espiritismo é realmente incalculável, quer em qualidade, quer em riqueza de casos e depoimentos. Influenciado pelo sistema positivista através da linha spenceriana, como ele próprio declara, nunca teve qualquer “indício de misticismo”, mas, pelo contrário, sempre foi um homem voltado para as soluções objetivas, infenso à cogitação, como se dizia muito em sua época.

Vejamos a franqueza com que Bozzano fala de seu passado filosófico:

“Uma vocação predominante me havia conduzido a ocupar-me, exclusiva e apaixonadamente, da escola científica e Herbert Spencer era, naquele tempo, o meu ídolo. Durante dois anos, eu estudara, ininterruptamente, anotara e classificara com imenso amor todo o conteúdo do seu imponente e enciclopédico sistema filosófico para, em seguida, lançar-me de corpo e alma nas lutas do pensamento, empenhando-me em polêmicas com quem ousasse criticar os argumentos e as hipóteses que o meu venerando mestre formulara.”

(A declaração está no I capítulo de uma de suas maiores obras: *Animismo ou Espiritismo?*)

Mais tarde, por estudo e observações diretas, chegou à convicção espírita e definiu sua nova posição em diversos trabalhos. Uma de suas motivações para o estudo da fenomenologia chamada *paranormal* foi a leitura dos *Anais das Ciências Psíquicas*, publicação dirigida por Dariex, mas orientada pelo Professor Charles Richet, autor do *Tratado de Metapsíquica*. Houve ainda outra motivação, aliás bem significativa: o debate de Richet com Rosenbach pela *Revista Filosófica*. Os argumentos que Richet contrapunha ao opositor impressionaram muito o ânimo de Bozzano, justamente pela sua consistência científica, enquanto

as objeções de Rosenbach lhe pareceram logo insustentáveis pela falta de solidez. Daí por diante Bozzano e Richet trocaram correspondência muito franca e afetuosa.

Sabe-se que Richet ficou na “Metapsíquica”, mas deixou testemunho a respeito dos fatos e, por isso mesmo, embora não tenha chegado à Doutrina Espírita, é ainda citado com toda a procedência. Convém lembrar, e bem a propósito, que uma das cartas de Richet a Bozzano, naturalmente depois de muitas observações e reflexões, termina assim: “E agora, abro-me a você, de modo absolutamente confidencial. O que você supunha é verdade. Aquilo que não alcançaram Myers, Hodgson, Hyslop e Lodge, obteve-o você por meio de suas magistrais monografias, que sempre li com religiosa atenção. Elas contrastam, estranhamente, com as teorias obscuras que atravancam a nossa ciência.” (Sir Oliver Lodge, ao contrário do que geralmente se supõe, já estava convencido da sobrevivência do espírito muito antes do desenlace de seu filho Raymond na I Guerra Mundial, começada em 1914). O livro de Lodge, *Raymond*, é um depoimento valiosíssimo.

Bozzano estudou e pesquisou muito. Leu, com afinco, tudo quanto lhe foi possível sobre ciências psíquicas e, especificamente, sobre o Espiritismo, mas não reduziu o seu campo de trabalho aos estudos de gabinete, pois era um homem afeito à observação e à investigação. Corajoso em suas afirmações, proclamou a validade das teses espíritas sem temer os preconceitos acadêmicos e as ojerizas religiosas. Além de artigos em diversas revistas especializadas, Ernesto Bozzano publicou muitos livros, entre os quais *Xenoglossia*, *Enigmas da Psicometria*, *Pensamento e vontade*, *Fenômenos psíquicos no momento da morte*, *Fenômenos de transporte*, *Metapsíquica humana*, *Literatura de além-túmulo*, *Animismo ou espiritismo?*, *Comunicações mediúnicas entre vivos* (com depoimento de diversos pesquisadores, como Barrett, Lodge, Stead, Geley, em tradução de Francisco Klörs Werneck e apresentação de J. Herculano Pires, EDICEL, São Paulo), *Desdobramento – Fenômenos de bilocação* e muitas monografias: *Breve história dos “raps”*,

Materializações minúsculas, Marcas e impressões de mãos de fogo, etc.

Temos aí apenas algumas referências biográficas, bem pouco, quase nada, sobre um estudioso e pesquisador do alto porte de Ernesto Bozzano, nascido em Gênova (Itália) em 1862 e desencarnado em julho de 1943. Neste pequeno resumo, entretanto, imprimimos todo o vigor espiritual de um preito de homenagem do Instituto de Cultura Espírita do Brasil.

Observações especiais:

A carta de Charles Richet a Ernesto Bozzano está no livro de Sérgio Valle (médico), edição da LAKE, São Paulo. Veja-se o penúltimo capítulo.

Diversos livros de Bozzano foram publicados pela Federação Espírita Brasileira; outros foram publicados pelas editoras ECO (Rio de Janeiro), CALVÁRIO (São Paulo), EDICEL (São Paulo) e LAKE (São Paulo), traduções do Dr. Francisco Klörs Werneck.

(Transcrito do IV vol. dos Anais do Instituto de Cultura Espírita do Brasil, Rio de Janeiro, RJ, 1979, com autorização do seu digno Diretor, Prof. Deolindo Amorim).

Ao Leitor

Ernesto Bozzano, o grande Mestre da Ciência da Alma, escreveu os trabalhos constantes deste volume nos tempos áureos do Espiritismo científico, isto é, quando se procuravam provas concretas da sobrevivência da alma e da sua comunicação com os vivos da Terra.

Depois veio a II Grande Guerra Mundial, travada principalmente no continente europeu, e, depois dela, o Espiritismo, devido a ditaduras políticas e religiosas, desapareceu quase por completo, sendo mesmo proibido em Portugal e na Espanha. Na Itália, terra de Bozzano, só pôde surgir mais tarde apenas com o nome de Metapsíquica, porque os sucessores dos perseguidores

crístãos não permitiam que o Espiritismo fosse pregado à luz do dia e então tivemos, por nossa vez, o Espiritismo das catacumbas européias. Já na Inglaterra, por ser um país protestante e separado do continente, o Espiritismo continuou a ser pregado e praticado, tornando-se, mais tarde, uma das religiões do país graças ao esforço de Lord Dowding, Marechal do Ar e grande herói nacional.

Convém esclarecer o leitor que os anglo-saxões (ingleses, norte-americanos, etc.) não empregam a palavra Espiritismo e sim Espiritualismo, pois o Espiritismo é uma doutrina codificada por Allan Kardec e só mesmo os seus adeptos é que podem ser chamados de espíritas, pois ele não tem santos, nem sacerdotes, nem altares, etc.

Parece-me, pois, que, na verdade, o Espiritismo científico desapareceu, ou quase isto, pois não se fala mais em sessões de efeitos físicos e muita gente só quer aprender Espiritismo em livros mediúnicos – não importando de qual autor e procedência, livros que muitos ainda consideram como ficção mediúnica – esquecida de que um fato é um fato e que contra fatos não há argumentos. Há ainda muita gente, nos tempos de hoje, que quer provas concretas e, como não as encontram aqui, em parte alguma, mesmo em livros nacionais, resolvi continuar a publicação de alguns dos excelentes trabalhos do grande Bozzano, que provam, na base dos fatos, a sobrevivência da alma e a sua comunicação com os vivos da Terra.

O Tradutor

Telepatia, Telemnesia e a Lei da “Relação Psíquica”

A questão da *relação psíquica* reveste-se de um interesse de primeira ordem. Com efeito, se se demonstra como está bem fundada a teoria que já sustentei, segundo a qual o domínio, no qual agem as faculdades telepática e telemnésica, é suscetível de ser circunscrito de acordo com os fatos verificados, a demonstração experimental da existência e da sobrevivência do espírito humano deve ser considerada como já estando cientificamente assentada, pois que uma categoria especial de casos de identificação de mortos não pode ser encarada nos limites dos quais operam as faculdades em apreço.

Volto, por conseguinte, a este importante assunto, dispondo-me a analisar a fundo as modalidades nas quais se produz a telemnesia, argumento este que, do nosso ponto de vista, é mais essencial que o outro concernente à *relação psíquica*.

Os leitores terão a bondade de desculpar-me se a preocupação de ser claro me obriga a reproduzir aqui uma passagem do trabalho em que resumi a tese que eu desenvolvera:

“Já repeti, por várias vezes, nas minhas obras, e repito-o aqui ainda uma vez, com a esperança de fazer-me ouvir: a análise comparada, aplicada ao imenso material de fatos acumulados em 80 anos de pesquisas, fez emergir uma lei psíquica fundamental a que estão sujeitas todas as manifestações supranormais de natureza inteligente: é a lei da *relação psíquica*, graças à qual as comunicações telepáticas ou telemnésicas, entre um sensitivo ou um médium, de um lado, e uma pessoa afastada, do outro, não podem se realizar senão achando-se preenchida uma das três seguintes condições: quando há relações de conhecimento pessoal entre o sensitivo ou o médium e a pessoa afastada, ou, na falta dis-

so, quando há, entre os experimentadores, alguém que conheça pessoalmente a pessoa afastada, ou, pelo menos, quando se apresenta ao sensitivo ou ao médium um objeto que durante certo tempo tenha sido usado pela pessoa em questão (psicomетria).

Esta lei inexorável da “sintonização psíquica”, para as comunicações à distância entre duas subconsciências, encontra uma correspondência perfeita na lei análoga da “afinidade” entre os diferentes elementos da matéria e as diferentes “forças” da natureza: afinidade atômica, molecular, química e sintonização entre as ondas elétricas. Segue-se que não se poderia pretender que, nas circunstâncias de que se trata, o sensitivo ou o médium não pode dispensar a *relação psíquica* para captar informes nas subconsciências dos outros. Isto equivale a pretender entrar em relação, pela radiofonia, com uma estação emissora sem ter regulado, primeiro, o seu aparelho para o “comprimento da onda” da estação procurada. Isto dito, será preciso convir que, nos casos de que se trata, da mesma forma que a correspondência do comprimento da onda é indispensável para as comunicações radiofônicas, também *a sintonização das vibrações fluídicas inerentes à aura do sensitivo ou médium deve corresponder às vibrações fluídicas inerentes à aura especial da pessoa afastada que se trata de procurar.*

Fica, pois, entendido que, quando nenhuma das três condições acima indicadas se realiza, a *relação psíquica* à distância, entre pessoas vivas, não pode se estabelecer, o que é o mesmo que dizer que *os casos de identificação pessoal de mortos, que viveram obscuramente e eram desconhecidos do médium e dos assistentes, não podem ser explicados pelas faculdades supranormais subconscientes e, portanto, eles nos obrigam logicamente, inevitavelmente, inexoravelmente – queira-se ou não – a chegar à interpretação espírita dos fatos.* Ter-nos-emos entendido desta vez?

Enfim, não nos esqueçamos disto: a hipótese da “telemnesia”, segundo a qual o médium conseguiria captar as informações de que tem necessidade, nas subconsciências de

peças afastadas, está suficientemente comprovada nos limites das informações *estritamente pessoais* à pessoa afastada e conhecida do médium e dos assistentes, informações que existem, mais ou menos vivas, no limiar da consciência dessa pessoa, mas está longe de se achar demonstrada, e mesmo suspeitada, *no que concerne a terceiros pessoas conhecidas do indivíduo em apreço*. Aliás, essas informações, no caso que nos ocupa, são quase sempre insignificantes e muito antigas, completamente esquecidas do indivíduo em questão, ao qual não podem interessar. Nestas condições, dever-se-ia admitir que as faculdades investigadoras da “telemnesia” possuem o poder prodigioso de selecionar a informação insignificante procurada no meio da massa inumerável de informações de todas as espécies, registradas na memória integral do indivíduo distanciado. É, pois, claro que, antes de admitir a existência subconsciente de uma faculdade capaz de selecionar a tal ponto inconcebível e inverossímil, é preciso dispor de boas provas nesse sentido, porém estas não existem, da mesma forma que não existe qualquer parcela de presunção experimental de natureza a sugerir a existência dessa faculdade. Seria coisa inteiramente outra no caso, ao qual aludi mais acima, de as informações ligadas, de maneira estritamente pessoal, ao indivíduo afastado, existindo tais informações, mais ou menos vivas ainda, no limiar de sua consciência. Com efeito, nestas circunstâncias, a “telemnesia” não agiria *ativamente*, selecionando, recebendo impressões...”

Ora, ver-se-á que, no estudo que segue, consegui demonstrar, apoiando-me em fatos, que tudo contribui para confirmar o valor científico dos argumentos apresentados no trabalho anterior, assim relativamente à *relação psíquica* como no que concerne à “telemnesia”.

Começando pela lei da *relação psíquica*, direi que, na massa imponente das classificações que, depois de 43 anos, continuo a manter em dia, em cada categoria, grupo ou subgrupo de fenômenos, há uma consagrada aos casos das manifestações telepáticas sem a *relação psíquica*, classificação que comecei, reconhe-

cendo o bem fundado axioma científico e filosófico segundo o qual “não há regras sem exceções”. Esses casos, se os examinarmos a fundo, não contradizem a regra, mas, antes, a confirmam. Da mesma forma, a circunstância de haver pensado em registrar os fatos desta natureza me permite, agora, pronunciar-me com suficiente conhecimento de causa sobre esta importante questão. Direi, então, que, no decurso de 43 anos de leituras muito intensas, não cheguei a reunir senão *nove* casos desta espécie, com dezessete outros casos nos quais a *relação psíquica* está velada mas existindo. Acrescento que nenhum dos casos que recolhi é realmente contrário à lei em questão, sendo todos suscetíveis de explicações diversas que os levam ao círculo da *relação psíquica*.

Isto dito, começo, sem mais delongas, a citação dos exemplos, escolhendo alguns casos típicos do grupo dos nove casos que carecem da *relação psíquica*, ou, mais exatamente, cuja *relação psíquica*, em lugar de se produzir de forma estritamente pessoal, direta ou indireta, se produz excepcionalmente por invasão difusa em um dado meio de um feixe de vibrações psíquicas engendradas pela intensidade dramática dos acontecimentos percebidos telepaticamente pelo sensitivo.

*

Caso I – Tiro-o do *Journal of the S. P. R.* (vol. XXI, pág. 92). Conta a Srta. Evelyn Vincent:

“Meu sonho consistiu nisto: Parecia achar-me perto de uma carruagem de aluguel, que estava parada. Percebia no caminho, à direita da carruagem, uma poça de sangue, e me perguntava: “Que se pode fazer para ajudá-la?” Uma voz respondia: “Ela está morta. Seu rosto está cadavérico.”

Via, em seguida, que se retirava um corpo de mulher da carruagem e que era levado. Eu ignorava por que me achava lá, mas guardei a impressão de que passava de carruagem ao lado da que acabava de perceber. Sentia-me apavorada com esse espetáculo...

Tal é a narrativa pura e simples de meu sonho.”

Esse sonho correspondia a um assassinato acontecido, na mesma hora, isto é, às 2 horas do dia 6 de fevereiro de 1923, nas mesmas condições. A vítima, uma jovem, fora transportada para um hospital, onde dera entrada já morta. O moço que a matara tinha espontaneamente se apresentado à polícia.

A percipiente não conhecia, de modo algum, os protagonistas do drama.¹

– 0 –

Caso II – Tiro-o ainda do *Journal of the S. P. R.* (vol. VI, pág. 294). Não se diz o nome do percipiente, que é, entretanto, conhecido dos dirigentes da *S. P. R.* .

Eis o que ele expõe com data de 18 de novembro de 1891:

“Achava-me deitado no sofá, em estado de sonolência, quando meus pensamentos volveram para a cidade de Southsea, onde passara uma quinzena de dias no mês de junho passado. Assistia a uma visão mental excepcionalmente realística para um sonho, com a representação de um cais de porto, onde notei muita gente em agitação; no fundo havia um navio a vapor. De repente, minha atenção foi atraída para um bote de escafandristas, ocupados em algum trabalho submarino. Tinha a impressão de que um grave acidente se produzira e que se faziam esforços desesperados para conseguir salvar um mergulhador. Parecia-me compreender que qualquer dificuldade acabava de se produzir na manobra do aparelho. No meu sonho, ou meio sonho, eu pensava, com horror, que talvez os homens não chegassem a retirar vivo o escafandrista do mar. Assistia, enfim, ao seu aparecimento na superfície da água; então, tal como se eu estivesse no bote, vi quando se levantou o capacete do infeliz e eu verifiquei que ele havia morrido...

A desgraça, que eu vira no sonho, se produzira, na mesma hora, no porto de Southsea.”

Também neste episódio, o percipiente não conhecia nenhum dos protagonistas, nem dos espectadores do drama visualizado.

– 0 –

Caso III – Extraio, também, este episódio da coleção do *Journal of the S. P. R.* (vol. VII, págs. 138/42). O relato deste caso é muito longo e minucioso, de modo que me limito a reproduzir o trecho essencial.

O Sr. H. W. Wack, eminente advogado, residente em Saint Paul (Minnesota, Estados Unidos da América), conta que, no decurso da noite de 29 de dezembro de 1892, sonhou que se achava num trem que ia para a cidade de Duluth e que, depois de cerca de quatro horas de viagem, lhe pareceu ouvir um grito dilacerante, seguido de gemidos e estertores que pareciam provir de uma pessoa sofrendo terrivelmente. E prossegue assim:

“Notei que o trem detinha a sua marcha e parava, em seguida, bruscamente. Logo depois, vi os empregados da estrada de ferro atravessarem o meu compartimento com lanternas na mão, saltarem para a estrada e se dirigirem para a locomotiva. Percebia os feixes luminosos das lanternas projetados por debaixo do trem. Compreendi que grave acidente acabava de produzir-se. Desci, por minha vez, e perguntei o que acontecera, mas os empregados, absorvidos pelas investigações, não me prestavam a atenção. Alguém acabou por me contar que, se eu tivesse olhos, devia compenetrarme de que um homem fora esmagado pelo trem. Efetivamente, percebiam-se, por todas as partes, manchas de sangue e, quando os empregados iluminaram com as lanternas as rodas de um dos primeiros carros, vi que elas se achavam literalmente sujas de uma matéria esbranquiçada que parecia ser substância cerebral, tanto mais que mechas de cabelo se encontravam misturadas com a mesma. Porém, onde estava, então, o corpo da pessoa morta? Ou, pelo menos, como não se descobriam, em parte alguma, membros humanos? A pesquisa foi estendida a mais de 500 metros atrás do ponto em que se detivera o trem, mas, inutilmente. A conclusão foi a de que o corpo inteiro do homem fora alcançado e reduzido à massa pelas rodas do comboio. Devia-se supor que se tratava de um vagabundo que se ocultara debaixo de qualquer carro para viajar gratuitamente. “Horível, horrível!”, murmurava eu no meu sonho.

Esse sonho dramático ficou-me vivamente gravado na memória e, na manhã seguinte, contei-o a pessoas conhecidas, que assinalaram, sobretudo, a circunstância macabra e pouco verossímil segundo a qual o corpo da vítima fora de tal maneira triturado pelas rodas do trem *que não se encontrava nenhuma parte dele...*”

Tal é o resumo substancial do sonho do advogado Wack, sonho que foi devidamente confirmado pelos testemunhos das três pessoas que ouviram a narração dele vinte e quatro horas antes que os jornais tivessem publicado a notícia do dramático acontecimento que havia acontecido *naquela noite mesma, na mesma hora, na mesma linha* da estrada de ferro do sonho, *na mesma localidade*. O corpo da vítima fora efetivamente triturado a tal ponto que *não se achou nenhum membro dele*, salvo, na manhã do dia seguinte, uma perna a uma milha de distância.

O Sr. Wack termina sua narrativa dizendo:

“Quanto mais penso nele, tanto mais me convenço de que, de forma misteriosa, talvez em espírito, talvez pela clarividência, eu tenha sido testemunha do trágico acontecimento narrado pelos jornais, pois minha visão foi perfeita em todas as suas fases gerais: hora, local, circunstâncias diversas, assim como na impressão verídica do que se tinha passado.”

Não citarei outros exemplos do mesmo gênero, limitando-me a repetir isto: que, nas minhas classificações, só se encontram *nove* casos iguais, o que bem demonstra a raridade verdadeiramente excepcional desta classe de episódios. Estes poderiam ser confundidos por alguém com a classe dos fenômenos de “clarividência no espaço” (telestesia), porém isto é um erro. Com efeito, a telestesia diz respeito à *percepção, à distância, de objetos e de condições de meio em circunstâncias que afastam toda possibilidade de transmissão telepática da parte de um agente humano*, ao passo que, nos casos de que nos ocupamos, o agente humano está sempre presente e presa de intensa superexcitação emocional, o que faz com que não se possa deixar de considerar estes casos como sendo de natureza telepática e não

telestésica. Em outros termos: a telestesia se produz *ativamente*, o sensitivo percebe diretamente, por si mesmo, os acontecimentos afastados, ao passo que, no nosso caso, o sensitivo os percebe *passivamente* – por conseguinte telepaticamente –, pois que ele recebe “vibrações psíquicas” que lhe chegam de longe, vibrações psíquicas que, pela lei de “reversão”, se transformam, no seu ser sensorial, na representação dos acontecimentos trágicos que as engendraram, da mesma maneira que o disco do fonógrafo registra as vibrações da voz de um orador; pela lei de reversão, elas se transformarão em seguida, à vontade, na reprodução do discurso em questão.

Tendo explicado isto para eliminar qualquer equívoco, retomo o fio de meu raciocínio e observo que todos os episódios do grupo em questão (nos quais o percipiente tem a visão de acontecimentos ocorridos a protagonistas *que lhe são desconhecidos*) revestem-se de um caráter eminentemente dramático. Parece, pois, que se poderia deduzir disso que as “tempestades psíquicas” de natureza extrema aparentam ser as únicas capazes de impressionar à distância, quando não há *relações psíquicas* de natureza pessoal, direta ou indireta, das pessoas que servem de *agente*.

Não é tudo: nota-se uma outra circunstância que encerra em um círculo ainda mais restrito a produção dessas exceções à regra. Ela consiste no fato de que, tal como o disse, os casos telepáticos dessa natureza são tão raros que, nas minhas classificações, não se encontram senão *nove* casos do gênero. Esta circunstância dá lugar a uma consideração muito sugestiva no sentido que sustento. É que, como há, diariamente, dramas análogos aos que acabam de ocupar a nossa atenção, parece que, se fora coisa fácil comunicar com pessoas desconhecidas, também nos limites dessas circunstâncias, os episódios telepáticos dessa espécie deveriam existir em número muito grande. Ora, como tal não se dá e, ao contrário, os episódios em questão representam uma exceção muito rara à regra, é preciso concluir que, para que um fenômeno telepático, com protagonistas desconhecidos ao percipiente, possa se produzir, um conjunto de circunstâncias excepcionais deve formar-se. Essas circunstâncias

poderão talvez consistir na emissão, da parte dos protagonistas do drama, de “vibrações psíquicas” excepcionalmente bem sintonizadas com as do percipiente, de maneira a serem captadas por ele, ou, talvez, também o percipiente se encontre em condições muito especiais de hiper-sensibilidade telepática suscetíveis de lhe fazerem perceber vibrações psíquicas de pessoas desconhecidas, se bem que somente em circunstâncias de projeções vibratórias em feixe, engendradas por tempestades passionais ou trágicas de uma violência extrema.

Ora, tudo contribui para demonstrar que essas condições se realizam tão rapidamente e, além disso, com relação a uma classe de fatos por tal forma especial que não é o caso de tomá-las em consideração quando se trata de circunscrever os limites em que se produz a telepatia entre vivos nas experiências mediúnicas.

E ainda não é tudo. É preciso também pensar que nas “exceções à regra”, de que nos ocupamos aqui, trata-se de visões subjetivas de acontecimentos dramáticos que se desenrolam à distância e não de *leitura à distância nas subconsciências dos outros* (telemnesia). Esta última possibilidade é mesmo a única que importa examinar de nosso ponto de vista. Já a outra é sem interesse, como o demonstrarei mais adiante.

Este grupo de fatos é também o único do qual se possa dizer que há casos de percepção telepática *entre vivos*, nos quais se verifica a falta de *relação psíquica*, direta ou indireta, entre o agente e o percipiente, mas, ao mesmo tempo, viu-se que se trata de uma exceção confirmando a regra.

Resta-nos apreciar um segundo grupo de fenômenos telepáticos nos quais a *relação psíquica*, apesar das aparências negativas, existe sob uma forma velada e indireta. Segue-se que este segundo grupo não é uma “exceção à regra”, pois ele se acomoda na própria regra, todavia é útil discutir-lhe as modalidades de manifestação a fim de salientar o que acabo de dizer.

Eis, pois, alguns exemplos variados do gênero.

*

Caso IV – Extraio o seguinte episódio do *Phantasms of the Living* (Fantasmas dos vivos). Trata-se de um incidente assaz conhecido, por muitas vezes citado nas discussões relativas aos fenômenos telepáticos. É semelhante aos anteriores pela circunstância de igualmente se referir a um trágico episódio percebido por uma pessoa que não conhecia a vítima, porém, ao mesmo tempo, é diferente neste sentido: que se vem a saber, pela narrativa, que havia, entre o percipiente e a vítima, um estreito grau de parentesco. Por outro lado, sobressai também, da análise dos fatos, a existência de uma “relação psíquica indireta”, mas velada, com o pai da própria vítima. Relata a Sra. Green:

“Eu via duas mulheres, convenientemente vestidas, dirigindo, sozinhas, uma carruagem semelhante a um veículo para transporte de águas minerais. O cavalo encontrou água diante dele e parou para beber, mas, não achando ponto de apoio, perdeu o equilíbrio e, esforçando-se por recuperá-lo, caiu em cheio n’água. Com o choque, as mulheres se levantaram, gritando por socorro, seus chapéus caíram e, como tudo foi absorvido pela água, voltei-me chorando e disse: “Não havia ninguém que as socorresse?” Nisto despertei e o meu marido me perguntou o que acontecera. Contei-lhe o sonho que acabo de vos comunicar. Ele me perguntou se eu conhecia as mulheres e respondi-lhe que não, que me parecia jamais tê-las visto. Durante o dia inteiro, não consegui subtrair-me à impressão do sonho e à inquietude na qual ela mergulhara. Fiz notar a meu filho que era o aniversário de seu nascimento e também do meu, 10 de janeiro, e por essa razão é que me recordo da data.

No mês de março, recebi uma carta e um jornal enviados pelo meu irmão Allon, que morava na Austrália e que me contava a tristeza que experimentara em perder uma de suas filhas, que morrera afogada com uma amiga. Vereis, pela descrição do acidente descrito no jornal, quanto o acontecimento correspondia ao meu sonho. Minha sobrinha nasceria na Austrália e eu nunca a vira.”

Tal é, em resumo, a narrativa da percipiente. Observarei ainda que a narração do acidente, feita pelo jornal local, indica que o detalhe dos dois chapéus flutuando n'água era exato.

O marido da percipiente confirma a narrativa da esposa. Eis um breve trecho do seu testemunho:

“A sobrinha de minha esposa não morava com o pai. Este, pois, só recebeu a notícia do acidente no dia seguinte pela manhã, o que corresponde à noite do dia 10 em nosso país.”

Este último detalhe faz pensar que, provavelmente, o impulso telepático, que determinara o sonho verídico, veio do pai da vítima, irmão da percipiente, considerando-se que o sonho coincide com o dia e a hora em que ele recebeu a triste notícia. Logo, além dos laços de sangue entre a percipiente e a vítima, nota-se, neste caso, também a existência de uma “relação psíquica indireta”, se bem que ela seja velada pela circunstância de que o agente telepático não era a vítima do drama.

*

Caso V – Está registrado na mesma coleção dos *Phantasms of the Living* (caso 242). A Sra. Clarke escreve de Londres em data de 30 de outubro de 1883:

“Pelas 3 ou 4 horas da tarde de um dia do mês de agosto de 1864, achava-me sentada, lendo, na varanda de nossa casa em Barbados, e a nossa criada indígena levava a passear, no jardim, a minha filhinha de 18 meses, no seu carrinho. Levantei-me, no fim de certo tempo, para entrar na casa, quando a negra me perguntou: “Senhora, quem era aquele homem que veio conversar consigo?” – “Mas ninguém me falou”, respondi-lhe eu. – “Oh, sim senhora. Foi um senhor bem alto e muito pálido. Ele falou bastante e a senhora foi pouco atenciosa para com ele, porque não lhe respondeu.” E eu repeti que pessoa alguma me havia falado e fiquei aborrecida com a criada, que me suplicou que eu tomasse bem nota de tal dia, porque estava certa de ter visto alguém na varanda. Assim fiz, e, alguns dias após, soube da morte de meu irmão em Tobago. O que é estranho é que eu não o

vi e ela (uma desconhecida para ele) o viu e, ainda acrescentou, parecia ele estar ansioso para ser notado por mim.”

Em resposta ao inquérito feito pela *S. P. R.*, a Sra. Clarke salientou que o dia da morte do irmão coincidia com o dia da aparição, que os detalhes “bem alto e muito pálido” correspondiam à verdade e que ela não sabia da doença do irmão, que só durara alguns dias. O marido da Sra. Clarke confirmou o que precede.

Neste caso, a *relação psíquica* existe indubitavelmente, pois que se trata de um irmão ausente que, na hora da morte, se manifestou à sua irmã, mas, esta, não possuindo as faculdades de *sensitivo*, nada percebeu e nunca teria conhecimento da aparição que se produzira se não houvesse perto dela um *sensitivo* que recebeu, indiretamente, o impulso dirigido a outrem. Isso recorda a hipótese de Myers sobre a existência de “centros fantasmogênicos reais” em algumas aparições telepáticas. Neste caso, a negra teria percebido o fantasma por *clarividência* e não por *telepatia*.

*

Caso VI – É o caso 30 dos *Phantasms of the Living*, caso muito conhecido e citado, porque a forma telepática não era somente desconhecida da percipiente, mas foi reconhecida como sendo a projeção fantasmogônica de uma pessoa em excelente estado de saúde.

A Srta. Frances Redell, criada de quarto da Sra. Pole Carew, escreveu, com data de 14 de dezembro de 1882, o seguinte:

“Helen Alexander (criada de quarto de Lady Valdegrave) estava com febre tifóide grave e era tratada por mim. A 4 de outubro de 1880, às 4 horas da manhã, eu me achava de pé junto de uma mesa, ao lado da cama, para dar-lhe o seu remédio. Ouvi batidas na porta (já se ouvira isso por duas vezes, durante a noite, naquela mesma semana). Minha atenção foi então atraída pela batida na porta que se abria e pela presença de uma pessoa que entrava no quarto. Senti logo que ela devia ser a mãe da enferma. Tinha na mão direita um candelabro de cobre e trazia um xale vermelho sobre os

ombros e uma saia de flanela que tinha um rasgão na frente. Fitei-a como se quisesse dizer: “Estou contente por ter vindo”, mas a mulher me encarou severamente como se pretendesse perguntar: “Por que não foram procurar-me mais cedo?” Depois de ter dado o remédio a Helen Alexander, voltei para falar à visão, mas essa desaparecera. Era uma pessoa de pouca altura, bem morena e muito gorda. Às 6 horas da tarde, Helen falecia.

Dois dias após, seus pais e uma de suas irmãs vieram a Anthony, chegando entre 1 e 2 horas da madrugada. Eu mesma e uma criada lhes abrimos as portas, quando recebi grande choque ao ver a imagem viva da visão que eu tivera duas noites antes. Contei a visão à irmã dela e esta me assegurou que a descrição do vestido correspondia exatamente ao de sua mãe e que existiam candelabros de cobre na casa, exatamente iguais ao que eu descrevera. Não havia a menor semelhança entre a mãe e a filha morta.”

A narração da Srta. Frances Redell foi confirmada pelo relatório-testemunho de sua patroa, a Sra. Pole Carew. Transcrevo a seguinte passagem da narrativa desta senhora:

“A Srta. Redell falou-me da aparição e também à minha filha, mais ou menos uma hora depois da morte de Helen. “Não sou supersticiosa, nem nervosa – disse-me ela em primeiro lugar – e não fiquei nem de longe aterrorizada, mas a sua mãe veio na noite passada.” Contou-me então toda a história e nos fez uma descrição muito precisa da figura que vira.

Preveniram-se os parentes para que pudessem assistir ao enterro. Os pais e uma irmã compareceram e a Srta. Redell reconheceu na mãe a figura que vira. Eu a reconheci também, de tal forma a descrição fora exata, e a sua expressão mesmo era bem a que ela indicara, devida não à sua inquietude, mas à sua surdez. Julgou-se melhor não falar no caso à mãe, mas a Srta. Redell contou tudo à irmã, que lhe disse que a descrição correspondia exatamente às roupas que traria a mãe se se tivesse levantado durante a noite, que havia

na casa um castiçal inteiramente igual ao que ela vira e que a saia de sua mãe tinha mesmo um rasgão devido à maneira pela qual a vestia. É curioso que nem Helen, nem a sua mãe parecem ter-se apercebido dessa visita... Ninguém na casa sabia que ela se achava tão doente. É também notável que a mãe, que não é nervosa, tenha dito naquela noite ao deitar-se: “Estou certa de que Helen está muito doente.”

Este último detalhe, do qual sobressai que a mãe recebeu uma impressão telepática do estado no qual se achava a filha, contribui para fazer supor que a impressão experimentada provocou nela um sonho telepático correspondente à visão percebida pela Srta. Redell. Se assim é, esta última a percebeu, quer porque se encontrava no ambiente da pessoa que constituía o objeto de impulso telepático no sonho, quer devido a um fenômeno de “clarividência” e não de “telepatia indireta”, de conformidade com o que já fiz notar nos meus comentários ao caso precedente.

Haveria ainda uma terceira hipótese para explicar os fatos e os autores da obra, da qual extraí este caso, lhe fazem alusão ao dizerem: “É possível também que o agente verdadeiro tenha sido Helen e que, durante a sua agonia, ela tenha tido diante dos olhos uma imagem viva da própria mãe.”

Segue-se que, qualquer que seja a solução que se prefira dar ao problema, no caso em questão a existência de uma “relação psíquica velada” se mostra indubitável.

*

Caso VII – Termino por um caso em que, além do detalhe da manifestação ao percipiente, de um fantasma que lhe é desconhecido, mas que é conhecido de uma pessoa presente, se nota uma outra teoria: trata-se, com efeito, do espírito de um morto. Este caso representa, pois, o limite extremo no qual se poderia ainda invocar a telepatia entre vivos para explicar os fatos. É por isto que eu o narro, isto é, o cito a título de exemplo em que a hipótese telepática entre vivos começa a ser insuficiente para a explicação dos fatos, apresentando-se a hipótese complementar da “telepatia entre vivos e mortos” ao espírito do investigador, com muita eficácia. Neste caso, a lei da *relação psíquica*, embo-

ra permanecendo invulnerável, deveria ser considerada como suscetível de produzir-se entre vivos e mortos.

Tomo o caso de uma longa classificação de Myers que apareceu nos *Proceedings of the S. P. R.* (vol VI, pág. 26). A percipiente, que é a própria narradora do fato, a Sra. P., não deseja que o seu nome seja publicado, dada a natureza íntima dos acontecimentos a que se refere. Eis o que escreve a respeito:

“Casei-me no ano de 1867 e minha vida decorreu tranqüila e feliz até o fim de 1869, quando a saúde de meu marido pareceu declinar e seu caráter se tornou sombrio e irritável. Procurei, em vão, compreender as causas de tais mudanças pela insistência de minhas perguntas e ele me respondia que eu sonhava e que se achava maravilhosamente bem. Deixei, pois, de importuná-lo e os dias continuaram a escoar tranqüilamente até a véspera de Natal. Tínhamos um tio e uma tia que moravam nos arredores e que nos convidaram, nessa ocasião, para visitá-los, pedindo chegarmos a tempo para o almoço.

Como devíamos levantar-nos muito cedo, resolvemos antecipar a hora de repouso e subimos para os nossos aposentos às 9 horas da noite, depois de termos, como de hábito, fechado cuidadosamente portas e janelas. Eram 9 horas e 30 minutos. Nossa filhinha, então com 15 meses, tinha o hábito constante de acordar a essa hora para beber um gole de leite e tornar a adormecer. Como a menina ainda não tivesse despertado, pedi a meu marido que se deitasse sem apagar a lâmpada, enquanto eu esperava, apoiada no leito, ao lado do berço. Gertrudes não despertara. Preparava-me para ficar em posição mais cômoda quando, com grande espanto, vi, ao fundo da cama, um homem em uniforme de oficial de marinha, com um chapéu pontudo na cabeça. Seu rosto ficava para mim na sombra, visto que ele se apoiava com o cotovelo no encosto da cama, sustentando a cabeça na mão. Eu estava presa de um espanto bem grande para ficar atemorizada e perguntava a mim mesma quem poderia ser esse homem. Toquei no ombro de meu marido, que se achava voltado para o outro lado, e lhe perguntei: “Willie, quem é

este homem?” Ele voltou-se, olhou, espantado, o intruso durante alguns momentos, depois, levantando-se, exclamou? – “Vós, senhor, que viestes fazer aqui?”

A forma ergueu-se lentamente, depois, com voz imperiosa e descontente, exclamou? – “Willie! Willie!” Fitei meu marido, que se tornara lívido e preso da maior agitação. Ele se levantou da cama como se para agarrar o estranho, mas logo ficou perplexo ou espantado, ao passo que a forma atravessava o quarto, impassível e solene, e se dirigia, em ângulo reto, para a parede. Quando ele passou diante do lampião, uma sombra escura veio projetar-se sobre a parede e sobre nós mesmos, como se se tratasse de uma pessoa viva, mas, apesar disso, desapareceu, de forma misteriosa, através da parede. Meu marido, sempre muito agitado, apanhou o lampião, dizendo: – “Vou percorrer a casa toda e verificar para onde ele foi.” Eu estava igualmente na maior agitação, todavia, lembrando-me de que a porta se achava fechada e que o misterioso visitante não se dirigira para tal lado, observei: – “Mas, ele não saiu pela porta!” Entretanto, meu marido tirou-lhe os ferrolhos, abriu a porta e foi dar um giro em torno da casa. Ficando só, na escuridão, eu pensava: “Vimos uma aparição. O que nos anuncia ela? Talvez meu irmão Arthur esteja doente (ele era oficial de marinha e se achava de viagem para as Índias). Sempre ouvi dizer que tais coisas acontecem.” Eu assim refletia, tremendo de medo, e, apertando contra mim nossa filha que despertara, assim fiquei até o momento em que vi retornar meu marido, mais lívido e agitado do que nunca. Ele sentou-se na beira da cama, rodeou-me com um braço e murmurou: – “Sabes quem nós vimos?” – “Sim, respondi-lhe, um espírito, e eu receio que se trate de Arthur, mas não pude distinguir o seu rosto”, e ele replicou: – “Não, era meu pai!”

O pai de meu marido morrera há 14 anos. Fora oficial de marinha na mocidade, mas, por motivo de saúde, deixou o serviço depois do nascimento de meu marido e este não o vira de uniforme senão uma ou duas vezes. Quanto a mim, nunca o conheci.

No dia seguinte, narramos o acontecimento a nossos tios e pudemos todos verificar que a agitação de meu marido não diminuía, embora ele fosse sempre cético em matéria de manifestações espirituais.

À medida que os dias passavam, meu marido tornava-se mais fraco, até o momento em que foi obrigado a ir para a cama, gravemente enfermo. Foi somente então que ele me pôs gradualmente a par de seu segredo. Achava-se, desde há algum tempo, em graves dificuldades financeiras e, no momento em que o pai lhe aparecera, ia dar ouvidos aos tristes conselhos de um homem, conselhos que o teriam levado à ruína, ou talvez a pior. Por esta razão é que não posso falar deste caso sem reservas.

Nem estados de “superexcitação nervosa”, nem de “temores supersticiosos” poderiam provocar semelhante manifestação espiritual. Segundo o juízo que pudemos formar a respeito deste fato, trata-se de advertência providencial feita a meu marido por meio da voz e dos traços daquele que mais venerara em vida e a quem somente teria obedecido.”

O Dr. C. e a esposa confirmam a narrativa exposta. O marido da narradora, Sra. P., a confirma igualmente, nestes termos: “Nenhum detalhe acrescentarei à narração de minha esposa, limitando-me a atestar que ela é rigorosamente exata e que os fatos se desenrolaram como foram descritos.”)

Relativamente a este muito interessante caso, observarei que, a rigor, não se poderia eliminar totalmente a hipótese telepática, se bem que ela se apresente de tal forma complicada e tortuosa que não é fácil aceitá-la. Seria preciso, com efeito, supor que o marido da percipiente, achando-se prestes a fazer negócio pouco lícito, pensasse intensamente na memória honrada do próprio pai, provocando alucinação telepática correspondente em sua mulher, que, por sua vez, chamando a atenção do marido para o objeto de sua visualização, ter-lhe-ia transmitido essa. Então, o marido, tomado de remorsos, à vista do espírito paterno, teria sido vítima de uma auto-alucinação complementar de natureza *verbal*, pela qual ele lhe reprovava o que tencionava fazer, auto-

alucinação que o marido teria, por sua vez, transmitido à sua mulher (?!)

Tal a tortuosidade de “telepatizações” recíprocas que seria preciso admitir se não se quisesse sair do domínio da “telepatia entre vivos”. Se, ao contrário, se aceitasse a hipótese complementar da “telepatia entre vivos e mortos”, seria necessário admitir que as preocupações ansiosas, que agitavam a alma e atormentavam a consciência do filho, haviam determinado a *relação psíquica* com o falecido pai, que se manifestara ao filho a fim de impedi-lo de cometer ações contrárias à honra, objetivo que logrou, aliás, atingir.

Resulta daí que, sob o ponto de vista no qual nos colocamos aqui e qualquer que seja a interpretação que se prefira dar aos fatos, não há dúvida que uma “relação psíquica dissimulada” existia no caso em questão.

Não citarei outros exemplos, pois os que acabo de citar bastam para provar a veracidade de minha afirmativa. Nessas condições se é forçado a reconhecer que os casos pertencentes a este segundo grupo de fenômenos telepáticos não representam mesmo uma “exceção à regra”, porém se acomodam, ao contrário, na regra. Não constituem, pois, uma objeção a eliminar, como foi o caso do primeiro grupo. Foi apenas preciso esclarecer o assunto para evitar possíveis equívocos causados pelo estado dissimulado em que se produzia a *relação psíquica*, o que já se fez.

Resta-me observar que os casos desta espécie são, por sua vez, muito raros, se bem que o sejam menos que os anteriores. Disse que, nas minhas classificações, há 17 exemplos do gênero, o que representa um número absolutamente insignificante em comparação com milhares de casos recolhidos.

O que acabo de dizer não constitui senão uma espécie de introdução à solução do formidável problema objeto deste estudo. Com efeito, os casos que citei e as discussões relacionadas com os mesmos só dizem respeito a episódios de “telepatia propriamente dita”, achando-se esta sujeita às leis inalteráveis da *relação psíquica*. Efetivamente mostrei que os casos, que constituem o grupo de “exceções à regra”, são de tal forma raros e a tal

ponto limitados a episódios dramáticos especiais que ficam literalmente sem efeito em face da verdade que sustento aqui, segundo a qual não pode haver comunicações telepáticas entre pessoas que não se conhecem, salvo quando se realizam as condições formuladas nas três proposições que formulei a princípio.

Este feliz resultado de um problema formidável para as pesquisas psíquicas constitui a primeira parte de minha tese, primeira parte que, embora teoricamente muito importante, não revestia, sob o ponto de vista da segunda parte da tese a desenvolver, senão o valor de uma dificuldade preliminar.

Resta-me, efetivamente, enfrentar ainda o outro formidável problema – que não somente não está ainda resolvido, como ainda não foi discutido aqui – relativo aos *limites nos quais se deveria circunscrever os poderes supranormais da telepatia, apreciada sob todas as suas formas* e não apenas quando a telepatia se produz de forma sensorial, como nos casos que acabei de narrar, porém, sobretudo, quando reveste a forma de “telemnésia”, isto é, quando o *percipiente* não é *passivo* e *sim ativo*, sentido em que consegue captar, nas subconsciências de pessoas afastadas, mas que ele conhece, segredos e informações que lhe dizem respeito e, segundo certas hipóteses audaciosas em voga, também informações relativas a terceiros, conhecidos dessas pessoas afastadas. Não somente, mas sempre sobre hipóteses muito audaciosas, também quando o sensitivo não conhece a pessoa depositária das informações procuradas, ou seja, mesmo quando nenhuma pessoa, que a conheça, esteja presente, e, pior ainda, mesmo quando não é suprido, remetendo ao sensitivo um objeto levado muito tempo com a pessoa pelo indivíduo desconhecido que se trata de focalizar (psicométrica).

Observarei que, entre todas estas hipóteses aventadas pelos partidários atuais de um “Animismo integral”, não deveríamos considerar senão a primeira, na qual se encara a possibilidade de fenômenos de “telemnésia” entre um sensitivo ou um médium e uma pessoa afastada, conhecida dela ou de um experimentador, ou mesmo desconhecida de todos, porém com o auxílio da psicométrica.

Com efeito, essa primeira forma de produção de “telemnésia” parece ser a única demonstrada experimentalmente, de maneira suficiente, sendo as outras puramente fantasistas, pois que não se encontram, em toda a fenomenologia metapsíquica, episódios que ainda de longe as legitimem. É o que me proponho a demonstrar agora, com o apoio dos fatos.

A este respeito vale a pena começar reproduzindo aqui uma carta agressiva que recebi por ocasião da publicação do meu trabalho anterior, *Em defesa dos casos de identificação espírita*. O autor da carta é um doutor em Medicina. Eis em que termos ele se exprime:

“Senhor Bozzano,

Um dos meus colegas, espírita convicto, me fez ler o artigo de V.S. em resposta ao Dr. Osty. Declaro-lhe, francamente, que a tese que V.S. sustenta, segundo a qual os casos de manifestações de mortos, desconhecidos do médium e dos assistentes, demonstrariam a presença real, no local, dos mortos que se comunicam, de modo algum chegou a me convencer. Para mim, que sou cético, a prova bastante para demonstrar que a *relação psíquica* não é necessária para as comunicações, à distância, entre as pessoas vivas, ressalta nitidamente do fato mesmo de que *há manifestações dos pretensos mortos desconhecidos do médium e dos assistentes*.

Prove-me V.S. que estou errado.”

(Ass.) F. C., Doutor em Medicina

Respondi-lhe por meio de uma carta não menos concisa, nos seguintes termos:

“Senhor,

A Metapsíquica é uma ciência. Ela é, pois, fundada exclusivamente sobre induções e deduções extraídas dos fatos. A hipótese de V.S., ao contrário, não é senão uma opinião pessoal, que, além disto, é literalmente gratuita e superficial, considerando que os casos de manifestações de mortos desconhecidos de médium e dos assistentes *consti-*

tuem problema a resolver e, em tais condições, eles não podem servir de base para discussão, nem para V.S. nem para mim. É preciso procurar, alhures, a base legítima para solução do problema que V.S. formulou, já que esses fatos existem.

Não acrescento outra coisa porque, para demonstrar que V.S. está errado, eu teria de escrever uma dezena de páginas, de modo que prefiro responder-lhe por meio de um artigo a aparecer numa revista que imediatamente lhe enviarei.

Receba, caro senhor, as minhas distintas saudações.”

(Ass.) E. Bozzano

Julguei oportuno reproduzir esta pequena correspondência particular, porque a carta do Dr. F.C. contém uma objeção em que eu não havia pensado e que poderia ocorrer à mente de qualquer opositor, ao passo que minha resposta indica o modo pelo qual o problema deve ser enunciado. Com efeito, tal como ele foi apresentado pelo meu contraditor, o problema se transforma em curiosa petição de princípio na qual os fatores do problema a resolver são tomados pela solução do próprio problema.

Aqui, prestes a tocar no fundo da questão, achei diante de mim uma dificuldade intransponível e antes rara: é que me será bem possível demonstrar, citando fatos, que a “telemnesia”, ou antes alguma coisa de análogo, existe nos limites da primeira hipótese que indiquei, mas não me será possível demolir, pela citação de fatos, as outras hipóteses que enumerei pela boa razão de que não se encontram, em toda a fenomenologia metapsíquica, episódios sugerindo, mesmo da maneira mais remota, as hipóteses em apreço. Segue-se daí que careço de material bruto para submeter à análise, com o intuito de demolir diretamente. Terei, pois, de limitar-me a atingir indiretamente o fim a que me proponho, demonstrando, pelos fatos, quais são os limites legítimos nos quais se devem circunscrever os poderes supranormais da telemnesia.

Agora, farei observar que se, à primeira vista, se pode achar muito inverossímil a suposição de que existem sensitivos capazes de captar os segredos da subconsciência alheia – mesmo nos limites das pessoas presentes ou das pessoas ausentes conhecidas dos mesmos – não é menos verdadeiro que o fenômeno existe sob as duas modalidades em questão, cabendo aos primeiros magnetizadores a honra de tê-lo demonstrado experimentalmente (sob o seu aspecto puramente empírico, o fenômeno era conhecido desde a mais remota antigüidade).

Resta-nos, todavia, discutir um problema embaraçoso, isto é, se, em tais circunstâncias, se trata efetivamente de telemnesia ou bem ainda e sempre de telepatia. Em outros termos, se se trata:

- 1º- de uma faculdade de inquirição em sentido *ativo*, penetrando nos refolhos mnemônicos das pessoas com as quais se está em *relação psíquica*, para lá colher as informações que lhe são úteis, selecionando-as, no número infinito de lembranças que estão em estado latente, ou
- 2º- se se trata da faculdade telepática habitual de recepção *passiva* de pensamentos que vibram, ainda vivos, no limiar da consciência da pessoa em questão, o que seria radicalmente diferente e muito mais concebível.

Esta importante questão se desenvolverá à medida que eu citar e analisar episódios pertencentes às duas modalidades pelas quais se manifesta o fenômeno de que se trata. Previno, entretanto, que, devendo limitar-me a alguns exemplos típicos, fá-lo-ei relatando casos em que foram atingidos os limites extremos do poder inquisitivo da telemnesia ou, se se preferir, do poder receptivo da telepatia. Vários desses exemplos já foram relatados com objetivos diferentes em algumas de minhas monografias.

*

Caso VIII – A Srta. Goodrich-Freer, a bem conhecida sensitiva a quem se deve magistral estudo sobre as suas experiências de “visão no cristal”, narra, nos *Proceedings of the S. P. R.* (vol. XI, págs. 114/44), numerosos incidentes pessoais de “leitura do pensamento”, entre os quais o seguinte:

“Eu fora visitar, pela primeira vez, uma de minhas amigas, casada havia pouco tempo. Não lhe conhecia o marido, mas, pelo que ouvira dizer, esperava encontrar um perfeito cavalheiro de alma nobre e situação social elevada. Quando lhe fui apresentada, notei que ele se esforçava por ser agradável e mostrar hospitaleira acolhida às pessoas reunidas em sua casa. E, entretanto, desde o primeiro instante em que me foi possível observá-lo com alguma atenção, fui perturbada por uma forma curiosa de alucinação que me pôs em dúvida a seu respeito. Qualquer que fosse a situação em que ele se achasse – à mesa, no salão, ao piano – para mim, o fundo, no qual se projetara a sua pessoa, desaparecia para ser substituído por uma visão em que eu percebia esse mesmo senhor, durante a infância, com expressão do mais abjeto terror, a cabeça baixa, os ombros levantados e os braços estendidos, como se se defendesse de uma tempestade de golpes que lhe fossem desferidos pelas costas.

Naturalmente, fui levada a informar-me a esse respeito e cheguei a saber que a cena visualizada por mim se produzira, realmente, durante a sua adolescência, numa escola da cidade, devida a baixa ação de fraude por motivo do qual fora vergonhosamente expulso, depois de ter sido submetido a severa punição corporal por parte dos colegas.

Como explicar essa forma de visualização verídica? Penso que era de natureza simbólica e que representava espécie de advertência em relação à atmosfera moral que cercava o homem que se achava diante de mim: um exemplo de suas qualidades de cavalheiro. A impressão que eu experimentara foi justificada em seguida, pois as suspeitas que em mim engendrara a minha visão foram amplamente confirmadas pelos sucessos desastrosos que se verificaram depois. Essas visualizações me parecem análogas às que são provocadas pela “psicometria”, em que não se trata de “visões telepáticas” mas de “impressões psíquicas”. Parece-me que seria absurdo pretender que a cena, que visualizei e se verificara dez anos antes, estivesse presente, naquele momento, na mente de seu próprio protagonista.”

Acho que a narradora tem absoluta razão em não admitir que a sua visão fosse engendrada pelo pensamento consciente do protagonista, que se teria lembrado, naquele justo momento, do vergonhoso incidente que se verificara na sua adolescência. Uma vez eliminada esta hipótese, encontramos-nos diante de caso idêntico aos que devemos examinar, nos quais um sensitivo percebe informações existentes da subconsciência de outras pessoas.

Relativamente às conclusões teóricas a formular, útil é salientar, no caso precedente, estas duas circunstâncias: em primeiro, que esse incidente tinha relação com a vida pessoal do protagonista e não com acontecimentos referentes a terceira pessoa qualquer, conhecida dela; depois, que o incidente visualizado, embora se tendo produzido muito tempo antes, era, no entanto, de natureza a ficar indelevelmente gravado na mente de quem o experimentara, de forma a vibrar permanentemente, por assim dizer, no limiar da consciência de quem fora protagonista dele, de modo a poder tornar-se perceptível, sob forma objetivada de visão, a um sensitivo ou a um médium.

Devo recordar a propósito que uma longa experiência me demonstrou que os sensitivos e os médiuns percebem muito dificilmente o pensamento consciente das pessoas presentes, mas o percebem, ao contrário, facilmente, desde que a pessoa presente deixe de pensar nele, isto é, quando o pensamento não é mais consciente, porém vibra ainda no limiar da consciência de quem o havia formulado. A este respeito, não será inútil acrescentar que as personalidades mediúnicas afirmam que tal acontece porque o pensamento em ação permanece absorvido e, por consequência, oculto para elas nos refolhos dos centros cerebrais daquele que pensa, mas que elas o percebem, ao contrário, facilmente, desde que o indivíduo, não pensando mais nele, libera assim a “forma pensamento” que engendrou e ele permanece em “forma” na “aura” do indivíduo, mais ou menos longamente, segundo a intensidade emocional do pensamento que o criou e, ainda, em certos casos, aí fica indelevelmente durante toda a vida.

Nestas condições, seria preciso concluir daí que, nos casos análogos ao que acabo de relatar, trata-se de receptividade *passiva* de “impressões psíquicas” (para empregar a expressão da Srta. Goodrich-Freer) e não de uma faculdade supranormal eminentemente *ativa*, que se infiltraria nas subconsciências dos outros para aí colher as informações que lhe são necessárias.

Em um outro ponto de vista, deve-se notar a diferença radical existente entre a natureza importante da informação de que se trata aqui, e que pinta um caráter, e os dados absolutamente insignificantes eles próprios, mas indispensáveis para a identificação pessoal, fornecidos pelos mortos que se comunicam, quando lhes são pedidos. Enfim, lembremos, desde já, que as circunstâncias em questão apresentam um valor teórico muito notável para a interpretação teórica dos fatos, tal como demonstrarei em breve.

*

Caso IX – Eis um segundo exemplo, análogo ao anterior. O célebre homem de Estado suíço, Zschokke, possuía faculdades excepcionais de sensitividade clarividente e a sua notoriedade é mesmo devida às suas qualidades de sensitivo mais do que as de político.

Escreve ele:

“Sucede-me freqüentemente que, ao esbarrar pela primeira vez com uma pessoa desconhecida e, enquanto, em silêncio, eu escuto as suas palavras, vejo passar, diante de meus olhos, sem a procurar, e perfeitamente distinta, uma visão de sua vida passada, enquadrada no ambiente em que ela se desenrolou, porém quase sempre vejo uma cena principal de sua vida e nada mais. Quando isso sucede, sinto-me de tal modo absorvido na contemplação da visão que se desenrola na minha frente, que quase não percebo mais o vulto da pessoa que me fala, embora continue contemplando o seu rosto, bem como não ouço mais a sua voz.

Durante muito tempo eu tive menos confiança do que qualquer outro na veracidade de tais visões e, quando me decidia a revelar ao meu interlocutor o que estava vendo a

seu respeito, esperava naturalmente ouvi-lo responder-me: “Nada disto é verdade” e muitas vezes sentia um calafrio de horror percorrer-me os ossos quando ele respondia confirmando a minha descrição, mas, outras vezes, o espanto que lhe aparecia no rosto punha-me informado da exatidão de minha visão antes que a confirmasse.

O incidente que passo a relatar foi um dos que mais me pasmaram: Cheguei certo dia à pequena cidade de Waldshut e fui hospedar-me no hotel *Vine Inn*, em companhia de dois jovens estudantes. Jantamos na mesa redonda com vários outros viajantes que se permitiam dar gostosas gargalhadas à custa de Mesmer e da “Fisiognomia de Lavater”. Um dos meus companheiros, que se sentia ofendido no seu orgulho nacional por essas risadas estúpidas, pediu-me que os contestasse e especialmente que fizesse calar um jovem que estava sentado à minha frente e que, mais do que qualquer outro, se permitia debochar e proferir ditos espirituosos contra os nomes desses dois grandes homens. No mesmo instante, tive uma visão da vida do jovem e por isso lhe dirigi a palavra, perguntando-lhe se podia estar certo de que ele me responderia sinceramente se eu lhe revelasse coisas notáveis de seu passado, embora me fosse desconhecido, fazendo-lhe notar que, se eu obtivesse bom resultado, seria ir muito mais longe do que Lavater com os seus estudos.

Ele me prometeu que, se as minhas revelações estivessem corretas, ele o confirmaria sem restrições. Então lhe descrevi tudo o que me havia aparecido na visão e todos os presentes ficaram, desse modo, informados da vida passada de um jovem viajante comercial, a começar dos seus anos de escola para passar pelos seus muitos erros juvenis e terminar com uma falta muito mais grave com relação ao cofre do seu chefe, e lhe descrevi, ainda, um quarto sem móveis, com as paredes caiadas de branco, onde, à direita de quem entrava, em cima da mesa, se achava um pequeno cofre preto, etc., etc.

Durante a minha narração, silêncio mortal reinou no ambiente, silêncio esse que só era por mim interrompido, de

vez em quando, para interrogar o meu interlocutor se estava correta a minha descrição. O jovem, cheio de maior espanto, não fazia outra coisa senão confirmar as minhas palavras, todas as vezes que o interrogava, por freqüentes movimentos da cabeça, o que fez também, e isso não esperava, quando lhe descrevi o último quadro. Surpreendido e comovido pela sua sinceridade, levantei-me e fui apertar-lhe a mão, do outro lado da mesa.

Dir-se-ia que cada homem traz consigo a história completa de sua vida como se ela ficasse escrita, em caracteres espirituais, em sua mente, onde outra pessoa, em *relação psíquica* com ele, podia lê-la.” William Howitt (*History of Supernatural*, vol. I, págs. 99/100).

Para este segundo episódio, também é bom notar o que eu disse a respeito do primeiro, isto é, que as informações sobre a existência passada do indivíduo, submetido ao exame do sensitivo, representam as coisas mais salientes do seu passado e, acima de tudo, dizem respeito exclusivamente à pessoa em questão e nunca a uma terceira pessoa que ele tenha conhecido quando viva.

*

Caso X – Este outro fato é tirado do livro *Voices from the Void* (Vozes do Vácuo), pág. 48, da Sra. Esther Travers-Smith. Essa senhora, tornada mais tarde médium afamado, sob o seu nome de solteira Esther Dowden, escreve o que segue:

“Outro episódio semelhante ao anterior se verificou certa tarde em que se achava presente o Sr. Y., ator dramático. A Srta. C. e eu servíamos de médiuns. A personalidade mediúnica descreveu um velho castelo que o Sr. Y. tinha comprado, dizendo que aqueles lugares eram assombrados e que a assombração dizia respeito a uma antiga história romântica. Tendo terminado a comunicação, eu disse ao Sr. Y.: “Não é melhor deixar de lado essas fantasias sem rima, nem razão? Elas não lhe podem interessar”, ao que ele me respondeu: “Ao contrário, elas me interessam vivamente, porque o que me foi ditado é o cenário de meu novo drama.”

Declaro que, tanto quanto a Srta. C., ninguém nada conhecia relativamente ao drama em que o Sr. Y. Trabalhava.”

No caso que acabo de transcrever, é mais do que nunca evidente que o médium percebeu o cenário do drama em que trabalhava o consulente, porque esse cenário, não estando, no momento, em sua mente, não podia senão vibrar vivamente no limiar de sua consciência. Dever-se-ia perguntar ainda: “telemnesia” ou “telepatia”? Percepção *ativa* ou percepção *passiva*? Nenhuma dúvida existe de que, nesta circunstância, mais do que nunca, tudo contribui para fazer pender a balança das probabilidades em favor de uma recepção passiva de impressões psíquicas.

*

Caso XI – Dedicando-me a relatar alguns exemplos de natureza igualmente extrema, nos quais o fenômeno da “leitura do pensamento nas subconsciências alheias” se realiza a grandes distâncias, observo que se acha sempre em presença da mesma perplexidade teórica a respeito das verdadeiras modalidades em que o fenômeno é produzido, isto é, que não se chega a notar nada de positivo em favor da “telemnesia”.

O célebre mitólogo Andrew Lang, em sua obra *The Making of Religion* (A formação da Religião), págs. 83/104, relata as suas próprias experiências com uma jovem inglesa de distinta família, Srta. Angus, que era notavelmente dotada para essa espécie de visualizações supranormais.

Ele narra, entre outros, o seguinte episódio:

“A última visão, que apareceu no cristal, interessava à sensitiva, mas desapareceu para dar lugar à aparição de uma senhora vestida com um penteador e deitada em um sofá, *com os pés descalços*. A Srta. Angus não conseguia distinguir o rosto dela, porque a imagem lhe aparecia voltada de costas, de modo que anunciou a nova visão com manifesta contrariedade, uma vez que estava interessada na imagem anterior. A Sra. Cockburn, entretanto, para quem nenhuma visão havia aparecido, mostrou-se contrariada com isso e particularmente me manifestou seu ceticismo sobre a veracidade das imagens percebidas no cristal. Em um sábado,

dia 5 de fevereiro de 1897, porém, tive novamente ocasião de fazer experiências, com a Srta. Angus, juntamente com a Sra. Bissot, e quando esta me anunciou que havia pensado em certa coisa para aparecer no cristal, a Srta. Angus dividiu no mesmo uma alameda de bosque ou de jardim perto de um rio, em um céu perfeitamente sereno e completamente azul. Na referida alameda achava-se uma senhora elegantemente vestida que, passeando, fazia girar sobre o seu ombro uma sombrinha belíssima, tendo os seus passos um encadeamento rítmico algo curioso. Ao lado dela estava um jovem cavalheiro, vestido com uma roupa branca leve, como a que se usa na Índia. Tinha os ombros largos, pescoço curto, nariz afilado e escutava sorrindo, mas indiferente, as palavras de sua companheira, evidentemente muito viva e bem loquaz. O rosto dessa senhora estava um tanto pálido e descarnado, como o de uma pessoa em más condições de saúde. Depois, a cena mudou e apareceu o mesmo moço, sozinho, tomando conta de um grupo de trabalhadores ocupados em derrubar árvores.

A Sra. Bissot reconheceu logo, na imagem que apareceu no cristal, a própria irmã, Sra. Clifton, que se achava na Índia, e ficou muito espantada quando a Srta. Angus imitou o andar da pessoa vista no cristal, andar peculiar causado por enfermidade que a Sra. Clifton havia sofrido anos antes. Além disso, a Sra. Bissot e o seu marido reconheceram o cunhado no homem visto pela sensitiva e então apresentaram à Srta. Angus uma fotografia da Sra. Clifton quando noiva e a Srta. Angus observou que o retrato parecia muito com a senhora por ela vista no cristal, conquanto nele parecesse mais bonita. Depois, recebemos um novo retrato da Sra. Clifton, tirado na Índia, no qual aparecia perfeitamente o rosto pálido e magro da visão no cristal.

No dia seguinte, domingo, 6 de fevereiro, a Sra. Bissot recebeu da Índia uma carta da irmã, com data de 20 de janeiro. A Sra. Clifton descrevia nela a localidade indiana aonde havia ido para uma “grande cerimônia” e na qual passara muito num jardim beirando um rio. Acrescentava

que iria partir com o marido para outra localidade, da qual partiriam para pleno campo até o fim de fevereiro, pois uma das atribuições dele consistia em serviço de derrubada de árvores para a preparação de dois campos, precisamente o que a Srta. Angus visualizara no cristal.

Quando a cética Sra. Cockburn foi informada dessas coincidências, teve uma idéia. Ela escreveu à filha para lhe perguntar se, quarta-feira, 2 de fevereiro, estivera deitada em um sofá, de roupão e com os pés descalços. A moça lhe respondeu que estivera assim, mas, quando soube de qual maneira o fato chegara ao conhecimento de terceiras pessoas, exprimiu toda a sua reprovação por essa forma de invasão ilícita da intimidade da vida de família...

O incidente dos “pés descalços” se produzira entre as 4:30 e 7:30 da tarde, ao passo que a “visão no cristal”, que a ela correspondia, se verificara às 10 horas da noite.”

Neste episódio, não se trata de “clarividência no presente”, considerando-se que, no incidente dos “pés descalços”, pôde-se verificar que a moça não se achara em tais condições senão três horas antes de ter sido visualizada no cristal. É preciso, então, acreditar que, uma vez estabelecida a *relação psíquica* entre o sensitivo e a jovem em questão (*relação psíquica* que se tinha estabelecido por intermédio da mãe dela, presente à experiência), a Srta. Angus chegara a visualizar esse incidente porque ele ainda vibrava vivamente no limiar da consciência da pessoa distante. E, neste caso, o incidente fora transmitido pela personalidade subconsciente do sensitivo à personalidade consciente por meio da “visão no cristal”.

Pode-se dizer o mesmo relativamente ao segundo episódio verificado entre a Inglaterra e a Índia. Com efeito, a Srta. Angus teve, primeiramente, a visão de duas pessoas passeando num jardim e logo depois a outra visão de uma das duas pessoas em questão ocupada em fiscalizar um serviço de derrubada de árvores, o que prova que, em ambos os casos, não se podia tratar de “clarividência no presente” e que se trataria, ao contrário, de “leitura à distância em subconsciências alheias”.

A pergunta habitual se apresenta então: tratava-se de “telepatia” ou bem de “telemnésia”? Em outros termos: achávamo-nos em presença do bem conhecido fenômeno de recepção *passiva* de impressões psíquicas à distância, com o estabelecimento preliminar da *relação psíquica* ou bem se trata da projeção *ativa* à distância de uma faculdade supranormal que busca e escolhe informações mnemônicas em subconsciências alheias? Observo a este respeito que, do mesmo modo que, em todos os casos que o precederam, tratam-se de incidentes pessoais que existem, ainda vivos, no limiar das consciências dos protagonistas distanciados, o que sugere a mesma explicação, isto é, deve tratar-se de percepção *passiva*, ou telepática, impressões psíquicas, e não de “telemnésia”.

*

Caso XII – Relato ainda um exemplo obtido pela “psicometria” extraído dos *Proceedings of the S. P. R.* (1923, págs. 273/342). Trata-se de uma moça que, por puro acaso, se apercebeu de que, se se segurasse um objeto, afastando de seu espírito qualquer outro pensamento, tinha então a representação mental das representações correspondentes à verdade, que estivessem em relação com o objeto em questão. Uma das suas amigas, Srta. Nelly Smith, que se ocupava de pesquisas metapsíquicas, a levou a empreender algumas experiências nesse sentido. O resultado delas foi dado na relação publicada pela Srta. Nelly Smith no supracitado volume dos *Proceedings*.

No episódio que vou resumir (já que se tratam de experiências longas e complicadas), a Srta. Nelly Smith tinha apresentado sucessivamente à sensitiva certo número de cartas provenientes todas da mesma pessoa, um Sr. Charleburg, industrial residente na Tchecoslováquia. Ele havia combatido contra os russos na I Grande Guerra, fora gravemente ferido e, nessas condições, recolhido e enviado para a Sibéria, num campo de concentração.

Ora, as cartas submetidas à psicometria e que tinham sido escritas depois da guerra, algumas da Tchecoslováquia, outras na Suíça, revelaram, sobretudo, à sensitiva as cenas dramáticas e os horrores dos campos de concentração siberianos, onde o prota-

gonista vivera durante três anos. É, então, evidente que, se uma carta escrita da Suíça em 1920 mostrava à visão da psicômetra cenas da vida daquele que a escreveu quando se achava na Sibéria, é que a “influência” contida no documento psicometrizado só serviu para estabelecer a *relação psíquica* entre a subconsciência da psicômetra e a do autor da carta, *relação psíquica* que permitiu ao primeiro conhecer, por “sintonização vibratória”, essa parte dos acontecimentos de sua vida que, graças à sua natureza emocional, ou o interesse intrínseco, ficaram mais profundamente gravados em sua “memória latente”.

Segue-se daí que, quando a Srta. Nelly Smith apresentou à sensitiva uma carta que o Sr. Charleburg lhe havia escrito de Leysin, na Suíça, a psicômetra começou por descrever a aparência de quem a tinha escrito para se mergulhar, em seguida e completamente, na visualização das suas dolorosas aventuras na Sibéria. Ela indicou, indiretamente, o país onde se desenrolaram os acontecimentos descritos, declarando que sentia um cheiro de “couro russo” (isto em relação com um episódio em que o traço característico mais saliente era constituído pelos estranhos arreios de cavalos que visualizara).

Ela continuou descrevendo minuciosamente uma das mais tristes recordações da prisão do protagonista, quando, tendo caído doente de tifo, foi colocado em um trenó aberto e enviado ao lazareto do campo, com uma temperatura de 40 graus abaixo de zero. A psicômetra descreveu em seguida a volta do paciente do lazareto ao campo de concentração, indicando exatamente a situação das diversas barracas, assim como dos caminhos que a elas conduziam. Em tal momento, ela teve a visão de um dos episódios mais característicos desse triste lugar, na pessoa de um vilão, tipo de chinês, encarregado da limpeza do campo, e o descreve assim:

“Percebo no campo um homem que conduz uma espécie de carrinho; ele corre, gira, choca-se um pouco por toda parte, às cegas. É uma carreta de duas rodas, puxada por um animalzinho magro, peludo, semelhando-se mais a um gordo macaco do que a um pequeno asno, ou mais ainda, talvez, a uma cabra. Jamais vi semelhante animal. A carreta

corre, voa, pula com uma louca impetuosidade, se bem que pareça ao ponto de tombar a qualquer instante...”

Quando o Sr. Charleburg leu este episódio, exclamou: “Onde então pôde a vidente conhecer esse pormenor, de que nunca falei com ninguém?” E explicou que se tratava de uma carreta de ferro, constituída de um grande recipiente colocado sobre duas rodas, no qual o pequeno e estranho chinês esvaziava diariamente todos os detritos, sólidos e líquidos, do campo, que ele colhia em cada barraca, para prosseguir, em seguida, na sua caminhada louca, sobressaltando, girando, esbarrando a cada momento, espalhando um pouco, por toda parte, o conteúdo do recipiente, o que não contribuía pouco para o tifo que alastrara entre os prisioneiros. Quanto ao animal atrelado no veículo, o Sr. Charleburg declarou que ele se tornara proverbial no campo, ninguém ousando afirmar a que gênero de quadrúpede pertencia. Tinha orelhas compridas como um asno, grossas pernas e largos cascos como um cavalo, comprida cauda de porco com um tufo de pelos na ponta e, no conjunto, semelhava-se a uma gorda cabra. Como cavalo, era anão, mas corria como o vento.

Na sétima apresentação da mesma carta, a psicômetra teve a audição de uma cantilena monótona, ritmada, triste, selvagem, que ela cantarolou. Essa audição foi de tal modo persistente que a sensitiva permaneceu, desde esse dia, incapaz de obter outras impressões. O Sr. Charleburg acrescenta a propósito:

“Essa cantilena eu ouvi pela primeira vez quando fui feito prisioneiro; ela me perseguiu durante todos os anos que passei na Rússia! Quando fui recolhido ferido, ouvia-a no caminho que me conduzia ao hospital. Escutei-a, novamente, no caminho da Sibéria, depois em Tobolsk, mais tarde em Radolnojr; por toda parte em que era transferido ouvia invariavelmente essa cantilena selvagem que os recrutas siberianos cantavam em coro quando enviados para a frente européia. Era uma melodia que me entristecia a alma; quando eu a ouvia durante a noite, sentia-me arrepiado. Escutei-a pela última vez na Finlândia, quando, na volta, nos achamos aprisionados pelos gelos.”

Este é apenas um resumo do complicado caso em questão, no qual as impressões psíquicas recebidas por meio da “psicometria” chegam a extremos excepcionais. E no entanto se verifica, igualmente e sempre, que as percepções da vidente se reportam a acontecimentos e incidentes que, por sua própria natureza, deviam estar gravados profundamente na alma daquele que os observou, quer sob o ponto de vista emocional, quer por causa da anormalidade dos fatos, quer devido à sua repetição insistente e monótona, de modo a vibrar em permanência, muito vivos, no limiar da consciência de quem os tinha vivido, no decurso de um terrível período de sua existência.

*

Começo por recordar que o grande problema que me proponho resolver por meio deste estudo era o de procurar e verificar, se possível, pelo exame dos fatos, se o domínio no qual se exercem as faculdades telepáticas e telemnésicas era, ou não era, suscetível de ser circunscrito em limites definidos.

Para atingir o fim, seria preciso, primeiramente, resolver o outro problema concernente à *relação psíquica* nas manifestações supranormais de natureza inteligente, no qual se poderia chegar em lhe aplicando os processos da análise comparada em um número suficiente de casos telepáticos para se verificar até que ponto a *relação psíquica* era, ou não era, indispensável à realização dos fenômenos dessa natureza.

Depois disso, era necessário completar as pesquisas em aplicando os mesmos processos da análise comparada aos fenômenos análogos de “leitura à distância nas subconsciências alheias” (telemnesia) e tal com o fim de examinar as modalidades nas quais eles se produzem e, em conseqüência, medir até que ponto é possível que um sensitivo ou um médium chegue a interrogar, extrair, nas subconsciências de pessoas afastadas, as informações que lhe são necessárias para mistificar o próximo.

No que concerne à lei da *relação psíquica*, pode-se ver que tudo contribui para demonstrar que esta lei reina soberanamente na classe dos fenômenos telepáticos, fora relativamente a um bem pequeno grupo de “exceções à regra”, onde a *relação*

psíquica existe de fato, mas sob a forma de projeção difusa de impressões psíquicas suscetíveis de se transformarem em visualizações representativas, porém nunca em dados biográficos propriamente ditos. Aliás, essas exceções à regra são de tal modo raras, de tal maneira limitadas a episódios especiais de natureza dramática e de tal forma excepcionais, por causa das condições de hipersensibilidade que eles exigem nos sensitivos e nos médiuns, que ainda que dramas e incidentes verifiquem diariamente em grande número, não cheguei a reunir senão nove casos do gênero em quarenta anos de pesquisas.

Todas estas circunstâncias, em um ponto de vista geral, tornam essas “exceções à regra” literalmente dispensáveis e isto é tanto mais verdade, em nosso caso, quando não se trata de projeções cinematográficas de um drama se desenrolando à distância (e, por conseqüência, de um fenômeno de recepção *passiva* de impressões psíquicas), mas de dados biográficos insignificantes fornecidos por personalidades de mortos com fins de identificação. Para atribuí-los à obra inquiridora das faculdades subconscientes, seria preciso atribuir ao médium faculdades supranormais, não *passivas* de recepção psíquica, mas essencialmente *ativas*, com projeção à distância de algo que seja capaz de se insinuar nas subconsciências alheias para ali selecionar e colher as informações procuradas. É esta a última hipótese que, em nosso ponto de vista, importava examinar a fundo, já que o pequeno grupo de “exceções à regra” da *relação psíquica* não revestia nenhuma importância.

Nestas condições, é-se já levado a concluir, de forma preliminar, que, de um lado, a lei da *relação psíquica* constitui o eixo indispensável dos fenômenos telepáticos, eixo sobre o qual repousa a existência deles mesmos, ao passo que, de outra parte, esta feliz solução do grande problema, ainda que não dispensável em nosso ponto de vista, só se reveste de um interesse secundário em face de outro problema formidável concernente às modalidades pelas quais se produzem os fenômenos de “telemnesia”.

A solução deste outro problema impunha-se, se se quisesse circunscrever, em justos limites, os poderes supranormais das “telemnesias”, que – segundo “os animistas totalitários” – colo-

cam os médiuns em posição de colher nas subconsciências de pessoas afastadas, mesmo que elas sejam desconhecidas de todos os assistentes, não apenas dados biográficos concernentes às pessoas em questão, mas dados que se referem a terceiras pessoas conhecidas desses assistentes. Relativamente a esta última questão, eu tinha chegado a demonstrar que, na realidade e conforme ao que se produzia para a telepatia, os poderes supra-normais da telemnesia são restritos a um círculo de ação muito mais modesto, racional e humano. Isto sobressai das seguintes circunstâncias: primeiramente porque a telemnesia, como a telepatia, é condicionada pela lei da *relação psíquica*; em segundo lugar porque ela se limita à percepção *passiva* de impressões psíquicas existentes, em estado vivo, no limiar das consciências das pessoas afastadas; em terceiro lugar porque se restringe a informações particulares às pessoas afastadas e não a informações concernentes a terceiras pessoas conhecidas delas; enfim, porque, como não é mais questão de percepção *ativa* nas subconsciências alheias, mas de percepção *passiva* de impressões psíquicas, esta última circunstância demonstra que não se pode tratar do que se entende por “telemnesia”, porém unicamente e sempre do que se entende por “telepatia”. Com efeito, a primeira é caracterizada (ou mais exatamente, deveria ser caracterizada, se existisse) pela forma *invasora e ativa* pela qual ela age, ao passo que a segunda é caracterizada pela forma *receptiva* ou *passiva* pela qual o médium percebe as impressões psíquicas.

Em outras palavras: tudo contribui para demonstrar que a telemnesia não existe. Foi o Prof. Hyslop quem propôs este termo, mas foi ele mesmo quem se apressou a acrescentar que a telemnesia não existia. Observo, então, que a análise comparada dos fatos demonstra que ele tinha razão em afirmá-lo, ao passo que, ao mesmo tempo, deve-se admitir a oportunidade prática de adotar esse termo que, mesmo sem a sua significação negativa, pode ser útil nesse sentido, isto é, que ele serve para designar uma classe de fenômenos hipotéticos sobre as quais os adversários da hipótese espírita fundam as suas audaciosas afirmativas.

Fica então entendido que, desta vez, consegui demonstrar, baseando-me nos fatos, que o fenômeno da “leitura do pensamento

na subconsciência alheia” não sai dos limites que caracterizam a percepção telepática de incidentes ainda recentes no limiar das consciências de pessoas presentes ou afastadas e, neste último caso, de pessoas afastadas com as quais se estabeleceu a *relação psíquica*, de uma maneira direta ou indireta. Em tais condições, não pode acontecer que um sensitivo chegue a colher, *ativamente*, nas subconsciências alheias de pessoas afastadas, dados biográficos muito especiais de que tenha necessidade, e isto tanto menos quando se trata de detalhes biográficos insignificantes e totalmente esquecidos, relativos a terceiros que as pessoas afastadas conheceram em épocas recuadas. Em outras palavras: quando eles percebem as informações biográficas nas subconsciências alheias, os sensitivos e os médiuns *não têm a liberdade de escolher, não captam nada, não selecionam coisa alguma*. O que se produz realmente consiste nisto: que, se dados recentes existem, no limiar da consciência da pessoa com a qual um sensitivo ou um médium se acha em relação, eles os percebem sob a forma de visões semelhantes a um quadro ou um filme cinematográfico.

Tal é a solução do formidável problema que examinamos, solução a que cheguei aplicando os processos científicos da análise comparada a uma imponente massa de episódios telepáticos e telemnésicos. Torna-se, assim, evidente a enorme importância teórica das conclusões que acabo de indicar e que implicam em que a existência e a sobrevivência do espírito humano já *estão* demonstradas experimentalmente, cientificamente, graças à classe numerosa dos casos de identificação de mortos que viveram obscuramente e ignorados dos médiuns e dos assistentes.

Quando os partidários de um “animismo totalitário” se acham na presença de casos de identificação espiritual inatacáveis por qualquer hipótese legítima ou sofisticada, eles se refugiam, infalivelmente, em cômoda objeção de natureza geral, consistindo em contestar que, como ninguém havia ainda chegado a fixar, experimentalmente, limites à onisciência telepática, seguia-se que a interpretação espiritual dos fenômenos mediúnicos era para sempre cientificamente impossível de demonstrar. Ora, com este estudo analítico, rigorosamente fundado em fatos, cheguei a

demonstrar que é possível, desde agora, circunscrever os limites nos quais agem as faculdades telepáticas, arrancando das mãos dos adversários a única arma defensiva de que dispunham ainda.

Termino observando que, para contestar as conclusões a que cheguei, só pode haver um método a seguir: o adotado pelo Dr. Eugène Osty para demonstrar, de acordo com os fatos, que a “leitura à distância nas subconsciências alheias” é uma verdade experimentalmente demonstrada. Apenas, como se pôde ver, a análise comparada é chamada a provar, também, que isso não podia produzir-se sem o auxílio da *relação psíquica* e que, nessas condições, a “leitura do pensamento” consistia sempre em uma percepção *passiva* de impressões psíquicas, e é tudo.

Segue-se daí que, se se quiser legitimamente submeter a uma revisão as conclusões às quais cheguei, ter-se-á só que repetir as magistrais experiências do Dr. Eugène Osty com o fito de as aprofundar, de maneira a demonstrar, de acordo com os fatos, que a “telemnesia capaz de selecionar” existe e, ao mesmo tempo, que ela não pode prescindir da *relação psíquica*. Os excelentes clarividentes, com os quais essas provas de controle podem ser buscadas, não faltam, sobretudo na França. Convido então os meus contraditores a empreender esse trabalho para relatar, em seguida, publicamente, os resultados a que chegarem, tudo isto em homenagem ao ideal comum a nós todos: o da procura da Verdade para a Verdade. **Fim**

Notas:

-
- ¹ Convém lembrar aqui que telemnesia é a leitura paranormal do pensamento de pessoas presentes e até ausentes. (N. T.)